

MULHERES SORO POSITIVO: um estudo em um Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) de São Luís – MA*

SEROPOSITIVE WOMEN: a study in a center of testing and counseling (CTA) to São Luís – MA

Ariane Muniz de Oliveira*

Denise Carneiro Machado Cortez**

Universidade CEUMA, Pró-Reitoria de Graduação da Área de Saúde, Coordenação do Curso de Enfermagem

RESUMO

A epidemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida- AIDS no mundo tornou-se um ícone de grandes questões que afligem a todos, como direitos humanos, qualidade de vida, políticas de medicamentos e propriedade industrial. Por seu caráter pandêmico e sua gravidade, a AIDS representa um dos maiores problemas de saúde pública da atualidade. O presente estudo teve como objetivo conhecer a frequência de mulheres soro positivo em um Centro de Testagem e Aconselhamento de São Luís – MA. A metodologia utilizada foi uma pesquisa de campo e documental de caráter descritivo exploratório de natureza quantitativa. A amostra da pesquisa foi constituída por 30 mulheres que realizaram o teste HIV no período do estudo. O instrumento de coleta de dados foi um relatório documental contendo todas as informações relacionadas com o tema e objeto do estudo apresentando a resposta dos questionamentos com a finalidade de encontrar o resultado esperado com os objetivos da pesquisa. Conforme a análise dos dados encontrados, observou-se 73,4% das mulheres tinham entre 22 a 41 anos, 43,3% possuíam união estável, 33,3% possuíam primeiro grau incompleto, 69,9% se autodenominaram de cor parda, em relação à ocupação das 40% afirmaram ser do lar, 93,3% não apresentaram diabetes. Com relação à via de transmissão das mulheres, houve predominância 60% por via heterossexual, 23,30% das mulheres pesquisadas faziam uso de tabagismo e 33,30% utilizavam álcool, 93,4% não apresentaram infecções oportunistas, e 93,4% das mulheres responderam que fazem uso no tratamento de antiviral.

Palavras-chave: Aconselhamento. Mulheres. Soro Positivo.

ABSTRACT

The Immune Deficiency Syndrome Adquirida- AIDS epidemic in the world has become an icon of the issues that plague all, as human rights, quality of life, drug policies and industrial property. For its pandemic character and its severity, AIDS is one of the greatest public health problems of today. This study aimed to assess the frequency of HIV positive women in a Testing Center, and St. Louis counseling - MA. The methodology used was a field research and documentary exploratory descriptive quantitative. The survey sample consisted of 30 women who underwent HIV testing during the study period. The data collection instrument was a documentary report containing all the information related to the subject and object of study presenting the answer of the questions in order to find the desired result with the research objectives. As the analysis of the data found, there was 73.4% of the women were between 22 and 41 years, 43.3% had stable, 33.3% had incomplete primary education, 69.9% called themselves mulatto, in relation to the occupation of 40% said it was the home, 93.3% did not have diabetes. Regarding the route of transmission of the women predominated 60% by heterosexual, 23.30% of women surveyed were using tobacco and 33.30% used alcohol, 93.4% had no opportunistic infections, and 93.4% of women answered that they use in the treatment of antiviral.

Keywords: Counseling. Women. Positive serum.

* Artigo apresentado ao Curso de Enfermagem da Universidade CEUMA, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem. **Orientadora: Profª. Esp. Denise Carneiro Machado Cortez.

*Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Ceuma (UNICEUMA). São Luís, Maranhão, Brasil.
E-mail: arianem.oliveira@hotmail.com

**Enfermeira e profª do Curso de Enfermagem da Universidade Ceuma (UNICEUMA). São Luís, MA.

INTRODUÇÃO

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida - AIDS é uma doença manifestada posteriormente à infecção do organismo humano pelo Vírus da Imunodeficiência Humana, reconhecido como HIV (*Human Immunodeficiency Virus*). A transmissão da AIDS acontece por meio de relações sexuais, da inoculação de sangue e derivados e da mãe contaminada para o concepto (SOUZA, 2011, p. 8).

Cabe informar que diante do contexto social da década de 80 surgiu a contaminação pelo HIV/AIDS, sendo que a manifestação da contaminação e o seu caminho inicial ficaram de um modo geral afastados das mulheres, mas, começaram a abranger estas mulheres em pequeno espaço de tempo, tanto no exterior como no Brasil (CARVALHO et. al., 2007).

Ressalta-se que o HIV, primeiramente ficou limitado a grupos específicos, como homossexuais, usuários de drogas injetáveis e prostitutas, porém, encontra-se hoje em inteira disseminação na população geral. Sabe-se que o velho ponto de vista sobre os grupos de risco não estão dando conta da realidade atual do contágio, exigindo que se insira a percepção de risco de contaminação no dia-a-dia das pessoas.

A história da AIDS, até o momento, nos mostra que, juntos às práticas individuais que podem expor um indivíduo a um maior ou menor risco de infecção pelo HIV, com os efeitos da pobreza e das desigualdades sociais e econômicas, existem ainda diferentes mecanismos de “exclusão social, discriminação e opressão relacionados ao gênero, à etnia, à faixa etária e ao modo de exercer a sexualidade”, que repercutem diretamente na situação de saúde das populações, na ocorrência de agravos ou na dificuldade de acesso aos meios para prevenção e cuidados (SOUZA, 2011, p. 99).

Enfatiza-se que no início da epidemia, a condição de emergência vivenciada fez com que especialistas investigassem os fatores de risco relacionados à doença, que foi associada primeiramente à homossexualidade. A partir da identificação de outros casos entre usuários de drogas injetáveis, prostitutas e hemofílicos, ficou caracterizada a primeira definição da população atingida, conhecida como “grupos de risco”. Deste modo, os discursos e as ações preventivas a respeito da AIDS eram administrados a estes grupos, avaliados inicialmente como expostos a maior risco de infecção (ZUBEN, RISSI, LORENZI, 2013).

O fato da situação do HIV/AIDS na população feminina está aumentando cada vez mais, além da identificação de aspectos característicos trouxe o interesse pela temática, pois as mulheres têm sido analisadas como sendo mais vulneráveis a Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) em geral e, principalmente, à infecção pelo HIV. Essa vulnerabilidade é o resultado de condições tanto biológicas, relativas a características específicas dos órgãos sexuais femininos, como de condições sociais,

pois estudos comprovam que, para as mulheres, é mais complicada a negociação de uso de preservativos durante as relações sexuais (CARVALHO et. al., 2007).

A epidemia da AIDS no mundo tornou-se um ícone de grandes questões que afligem a todos, como direitos humanos, qualidade de vida, políticas de medicamentos e propriedade industrial. Por seu caráter pandêmico e sua gravidade, a AIDS representa um dos maiores problemas de saúde pública da atualidade (PERUCCHI et. al., 2011 *apud* FREITAS; NERY, 2014, p. 807).

No Brasil, de acordo com dados colhidos pelo Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais aproximadamente 718 mil pessoas vivem com HIV/AIDS. Analisando essas informações, pode-se dizer que os que acumularam dos de 1980 a junho de 2013, foram avisados no SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação), um total de 686.478 casos de AIDS, dos quais 64,9% são do sexo masculino e 35,1% do sexo feminino, com uma razão de sexos de 1,7 casos em homens para cada caso em mulheres. Desde o princípio da epidemia, a razão de sexos tem apresentado mudanças proporcionais ao longo do tempo, pois em 2005 alcançou seu menor valor (1,4), e desde então tem apresentado aumento (BRASIL, 2012).

Diante do que foi exposto, o número de mulheres infectadas pelo HIV segue crescendo, provocando a necessidade não exclusivamente de estratégias de prevenção à contaminação, mas de cuidado à população de pessoas portadoras do vírus. E essa nova demanda de auxílio traz consigo uma importante questão de saúde pública, a questão da maternidade em situação de infecção pelo HIV.

O interesse pela temática surgiu a partir da orientação dada por uma professora, onde a mesma incentivou-me a falar sobre o tema que é muito importante por ser necessário na admissão das mulheres em uma Unidade de Saúde. Portanto, este estudo busca apresentar a prevalência de um grupo de mulheres soro positivo de um Centro de Triagem Anônima (CTA) de São Luís – MA.

Atualmente, ainda existem mais casos da doença entre os homens do que entre as mulheres, porém, essa diferença vem diminuindo ao longo dos anos, incidindo o aumento da doença na população feminina. Esse aumento proporcional do número de casos de AIDS entre mulheres pode ser observado pela razão de sexos, ou seja, o número de casos em homens dividido pelo número de casos em mulheres, pois no ano de 1989 a razão de sexos era de cerca de seis casos de AIDS no sexo masculino para cada caso no sexo feminino. Já em 2011, último dado disponível, chegou a 1,7 % dos casos em homens para cada 1 (um) em mulheres. Assim, a partir dessa problemática questiona-se: Qual a prevalência de mulheres soro positivo em um CTA de São Luís - MA? A importância da realização desse estudo deve-se ao fato de apresentar como as mulheres soro positivo estão sendo acompanhadas em um CTA de São Luís – MA e qual a atuação do

profissional de enfermagem no acompanhamento dessas mulheres, além de mostrar sua relevância em colaborar cientificamente para a realidade no desenvolvimento de trabalhos acadêmicos dos profissionais de saúde, principalmente, na atuação do profissional de enfermagem com relação ao acompanhamento junto às mulheres soropositivo.

Com isso, teve como objetivo, investigar a frequência de mulheres soropositivo em um CTA de São Luís - MA. Apresentando como objetivos específicos: caracterizar o perfil socioeconômico demográfico do grupo estudado, identificar os problemas de saúde e situações de risco mais comuns que esta população está exposta e identificar as dificuldades encontradas por essas mulheres no acompanhamento dos enfermeiros em um CTA de São Luís – MA.

METODOLOGIA

O presente estudo é um estudo descritivo, exploratório, documental de campo com abordagem quantitativa dos dados.

A pesquisa foi realizada em um Centro de Testagem e Aconselhamento São Luís – MA, local que realiza testes para HIV e doenças sexualmente transmissíveis. A população que usa esse serviço é todo e qualquer cidadão com dúvidas em relação ao seu status sorológico. Ao procurar o local o usuário passa por um aconselhamento individual ou coletivo antes do teste, onde são esclarecidas todas as dúvidas.

A coleta dos dados ocorreu no período de outubro de 2015 a março de 2016. A amostra escolhida para realização da análise da pesquisa foi constituída por mulheres que compareceram ao CTA para realizarem o teste de HIV no período do estudo, totalizando 30 mulheres.

Como instrumento para coleta de dados utilizou-se documentos e relatórios repassados pelos profissionais do Centro de Testagem e Aconselhamento de São Luís para a autora da pesquisa onde foram

utilizadas informações da ficha de atendimento das usuárias, sendo preenchido o formulário da pesquisa.

Identificou-se através deste estudo uma análise das mulheres soropositivo a partir de um estudo em um Centro de Testagem e Aconselhamento de São Luís – MA no período de 2015 e 2016.

Foi elaborado utilizado pela autora do artigo um formulário contendo informações e dados efetivos à pesquisa, utilizado para controle do Centro de Testagem e Aconselhamento onde foram transcritos os elementos contidos nas respostas das entrevistadas sobre mulheres soropositivo do Centro de Testagem e Aconselhamento em São Luís - MA no período referente à pesquisa.

A coleta de dados foi realizada por meio de um formulário adaptado da ficha cadastral utilizada no Centro de Testagem e Aconselhamento para a realização do exame HIV.

Os dados coletados foram reunidos de acordo com sua especificidade com sua prioridade absoluta e dos índices percentuais avaliados, compilados e apresentados em forma de tabelas utilizados no programa da Microsoft Excel versão 2010.

O presente trabalho se baseou nas normas de acordo com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos, onde os voluntariados terão em sigilo todos os seus dados, podendo a qualquer momento desistir da pesquisa sem qualquer prejuízo, se comprometendo com o máximo de benefícios e o mínimo de prejuízo.

Os dados foram avaliados e interpretados mostrando os resultados da pesquisa sendo estes organizados em forma de gráficos e tabelas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados conseguidos neste trabalho foram avaliados, investigados e apresentados em forma de tabelas e gráficos, mostrando os números percentuais das variáveis encontradas nas respostas do questionário aplicado no CTA.

Tabela 1 - Distribuição dos dados sociodemográficos das mulheres soropositivo de um Centro de Testagem e Aconselhamento de São Luís – MA, 2016.

Variável	N	%
<u>Idade</u>		
22 a 36 anos	11	36,7
37 a 41 anos	11	36,7
42 a 50 anos	07	23,3
51 anos ou mais	01	3,3
<u>Estado civil</u>		
Casada	09	30,0
Solteira	08	26,7
União estável	13	43,3

Tabela 1 - Continuação

Variável	N	%
<u>Escolaridade</u>		
Não alfabetizada	09	30,0
1º grau completo	09	30,0
1º grau incompleto	10	33,3
2º grau incompleto	02	6,7
<u>Raça e Cor</u>		
Branca	05	16,6
Indígena	02	6,7
Negra	02	6,7
Parda	21	69,9
<u>Ocupação</u>		
Do lar	12	40
Autônoma	03	6,8
Pescadora	01	3,3
Estudante	04	13,4
Lavadora	01	3,3
Recepcionista	01	3,3
Costureira	01	3,3
Cuidadora	01	3,3
Doméstica	04	13,4
Serviços Gerais	01	3,3
Aposentada	01	3,3
TOTAL	30	100

Fonte: Pesquisadora, 2016.

Com relação à caracterização sociodemográfica das mulheres soro positivo de um Centro de Testagem e Aconselhamento de São Luís – MA ficou constatado que com mesmo valor 36,7% (11) estão na faixa etária de 22 a 36 anos e 37 a 41 anos, 43,3% (13) tinham união estável, 69,9% (21) são da cor parda, 30% (09) informaram que não eram alfabetizadas e de mesmo percentual apresentavam 1º grau completo. Com relação à ocupação dessas mulheres, encontrou-se como resultado que 40% (12) eram do lar, conforme Tabela 1.

“Foi encontrada a maioria das mulheres soro positivo nas faixas etárias de 22 a 41 anos”

De acordo com a Diretoria de Vigilância Epidemiológica (2011) houve um avanço da ocorrência de AIDS em mulheres, principalmente, na faixa etária de 16 a 21 anos, o que diferencia da presente pesquisa onde foi encontrada a maioria das mulheres soro

positivo nas faixas etárias de 22 a 41 anos. Dentro desse perfil etário observa-se também o maior número de mortes causadas pela AIDS.

Portanto, os resultados encontrados neste estudo demonstram que as mulheres soro positivo que realizaram teste no Centro de Testagem estudado, incidem, especialmente, na faixa etária de menor risco e discorda dos resultados encontrados em outros estudos concretizados na região Nordeste, porém, se sabe que a maioria das pessoas diagnosticadas com AIDS no Brasil são homens, nas mulheres a faixa etária de mais incidência está entre as mais jovens de 16 a 22 anos.

Em relação à raça/cor das mulheres soro positivo há concordância com pesquisas semelhantes realizadas sobre o tema, onde existe um predomínio de HIV em mulheres pardas e brancas. Desse modo, esse resultado concorda ainda com pesquisas recentes feitas por Brasil (2015) que afirmam um diagnóstico de mulheres por raça/cor com predominância na cor parda, avançando um pouco para a cor branca.

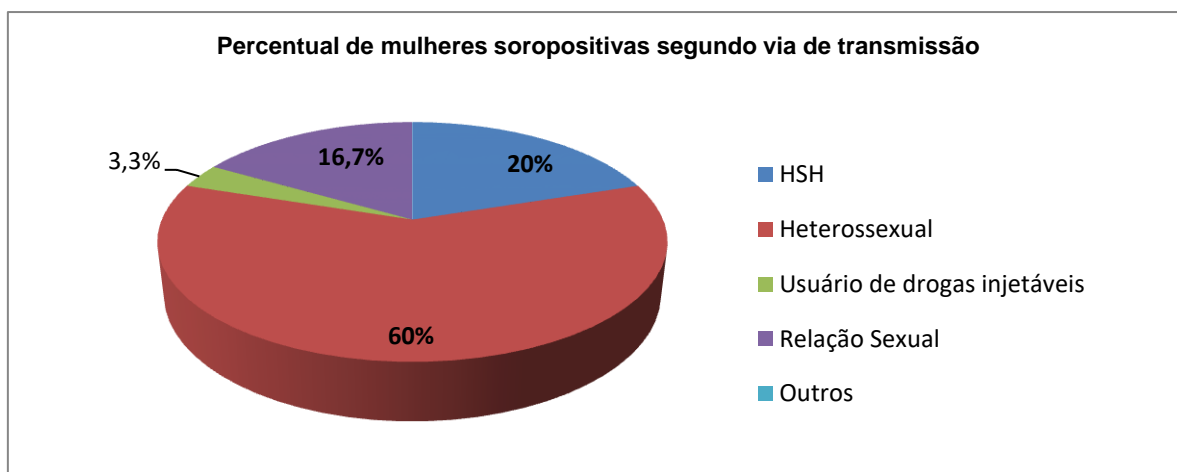


Gráfico 2: Distribuição do percentual de mulheres soropositivas, segundo via de transmissão, São Luís – MA, 2016.

Com relação à via de transmissão das mulheres, o Gráfico 2 demonstra que prevaleceram 60% (18) por via heterossexual, encontrando 20% (06) por HSH, apenas 16,7% (05) por relação sexual, sendo somente 3,30% (01) por usuário de drogas injetáveis.

Atualmente, no Brasil, a via de transmissão heterossexual compõe a mais relevante característica da dinâmica da epidemia, com aparecimento acentuado em todas as regiões, o que comprova o resultado da presente pesquisa apresentando 60% por via heterossexual. Para Farhi, Lima e Cunha (2008), esta particularidade tem colaborado de forma determinante

para o aumento de casos em mulheres, manifestado na progressiva redução do motivo do sexo, no período e em todos os grupos de exposição.

Ainda para os mesmos autores citados, referente à categoria de transmissão sanguínea, apresentaram-se alterações ressaltantes, especialmente, em hemofílicos e em pessoas que receberam transfusão de sangue. Afirmou-se também, que em segmentos populacional foi encontrada a maioria das mulheres soro positivo nas faixas etárias de 22 a 41 anos. Regionais fortemente atingidos no começo da epidemia exibiram uma significativa queda ao longo do tempo.



Gráfico 3: Mulheres soropositivas segundo prática do tabagismo e etilismo, São Luís – MA, 2016.

Referente à prática do tabagismo pelas mulheres soropositivas, encontrou-se nos resultados que somente 23,3% (07) fazem uso do tabaco e referente à prática do etilismo, constatou-se que apenas 33,3% (10) praticam o uso de álcool (Gráfico 3).

Em pesquisa realizada por Brito e Galvão (2010), abordou-se que os riscos do tabagismo associados à presença de HIV representam um motivo significativo para o aparecimento de tumores uterinos em mulheres portadoras da AIDS. Para Almeida et al. (2016) afirmam que fumantes portadores de HIV positivo apresentam maior possibilidade de desenvolver doença pulmonar

obstrutiva crônica (DPOC) do que fumantes não contaminados pelo HIV. Porém, nas mulheres respondentes a essa pesquisa houve um percentual baixo de fumantes.

Para Almeida et al. (2016), o consumo descomedido de álcool pode ter implicações potencialmente sérias para pessoas que usam medicamentos antirretrovirais, pois o álcool processado pelo fígado e o aumento de gordura no sangue motivado por alguns medicamentos antirretrovirais, pode ser ativado pela bebida em excesso, lesando a eficácia do funcionamento desse órgão.

Tabela 2 - Mulheres soropositivas segundo a caracterização com relação à doença cardiovascular e dados ginecológicos, São Luís – MA, 2016.

DOENÇAS	n	%
Nenhuma (não)	28	93,4
Doença Arterial Coronária	01	3,3
Hipertensão Arterial Sistêmica	01	3,3
<u>História Familiar da Doença Arterial Coronária</u>		
SIM	08	26,6
NÃO	22	73,4
<u>Menopausa</u>		
SIM	02	6,6
NÃO	28	93,4
<u>Laqueadura</u>		
SIM	03	10
NÃO	27	90
<u>Contracepção</u>		
SIM	05	16,7
NÃO	25	83,3
<u>Antecedentes de Leishmaniose Visceral</u>		
NÃO	30	100
<u>Tuberculose</u>		
NÃO	30	100
<u>Infeções Oportunistas</u>		
Anemia HB -88	01	3,3
Pneumonia – Hepatite B	01	3,3
Nenhum	28	93,4
TOTAL	30	100

Para a caracterização das mulheres soropositivas referente à doença cardiovascular e dados ginecológicos obteve-se como resultado que 93,4% (28) delas não apresentaram doença cardiovascular, 73,4% (22) não apresentou história familiar de doença arterial coronária, 93,4% (28) não apresentaram menopausa,

90% (27) nunca fizeram laqueadura, 83,3% (25) não fazem uso de métodos contraceptivos, 100% (30) não apresentaram antecedentes de leishmaniose visceral, 100% não apresentaram tuberculose e 93,4% (28) não apresentaram infecções oportunistas (Tabela 2).



Gráfico 4: Percentual de Mulheres soropositivas segundo a presença de gestação, São Luís – MA, 2016.

Com relação às mulheres soropositivas estarem gestantes, 17% (05) gestaram (Gráfico 4).

Para Brasil (2015), a taxa de transmissão do HIV de mãe para filho durante a gravidez, sem realizar tratamento, pode ser de 20%. Mas, quando a grávida segue todos os conselhos médicos, a probabilidade de infecção do bebê diminui para níveis mínimos em 1%.

Como recomendações médicas, estão o uso de remédios antirretrovirais combinados na grávida e no recém-nascido, o parto cesáreo e a não amamentação.

Ainda o autor supracitado cita que é importante fazer o acompanhamento do tratamento para melhoria da qualidade de vida e sobrevida durante o uso de medicamentos.



Gráfico 5: Percentual de mulheres soropositivas, segundo o uso regular de antirretrovirais, São Luís – MA, 2016.

Com relação ao uso de antivirais, 93,4% (28) das mulheres responderam que utilizam no tratamento, apenas 6,6% (02) não fazem uso de antivirais (Gráfico 5).

Brasil (2015) assegura que a instituição da terapia antirretroviral (TARV) tem como intuito atenuar a morbidade e mortalidade das PVHA, melhorando a qualidade e a expectativa de vida, e não erradicar a infecção pelo HIV. O que ficou comprovado na pesquisa, pois a maioria das mulheres pesquisadas faz uso regular de antivirais com o objetivo de melhorar a qualidade de vida delas.

Vale ressaltar, que o Ministério da Saúde lançou com uma "Portaria" para a realização de o teste ser feita de seis em seis meses, caso no exame não seja detectado o vírus HIV, pois o paciente que não fez o teste de seis em seis meses fica impossibilitado de não receber a medicação dada no CTA. Após esse período, o paciente passa pelo atendimento de um assistente social e de um enfermeiro. Algumas param o tratamento por falta de condições financeiras e dependerem da Prefeitura, outras vêm do interior com ajuda de custo da prefeitura de seu município. A medicação é de fácil acesso, basta apresentar a receita. Tem um setor farmacêutico especializado no local, onde a reposição de medicamentos é realizada todos os dias. A marcação de consulta é feita uma vez por mês.

CONCLUSÃO

Os resultados do presente estudo demonstraram que houve 100% (30) de soro positivo no diagnóstico

realizado pelo Centro de Testagem e Aconselhamento de São Luís – MA, tendo em vista que todas as entrevistadas responderam que fazem o teste para monitorar tratamento.

Os dados sociodemográficos encontrados no estudo foram 73,4% das mulheres entrevistadas ocorreram na faixa etária de 22 a 41 anos, 43,3% possuíam união estável, 33,3% possuíam o primeiro grau incompleto, 69,9% tinham a cor parda, em relação à ocupação dessas mulheres 40% afirmaram ser do lar.

Com relação à via de transmissão das mulheres, houve predominância com a maioria 60% por via heterossexual, quanto ao uso do tabagismo, encontrou-se que somente 23,3% das mulheres pesquisadas fazem uso de tabagismo, 33,3% faziam uso de álcool, percebeu-se ainda, a maioria 93,4% delas não apresentava doença cardiovascular, e 93,4% não apresentaram infecções oportunistas, 93,4% das mulheres faziam uso dos antirretrovirais.

Assim, compreende-se que esta pesquisa contribuiu para demonstrar uma análise de mulheres soro positivo em um Centro de Testagem e Aconselhamento de São Luís – MA, ressaltando a importância dos programas existentes nesse local com relação às informações repassadas a essas mulheres com o objetivo de aconselhar a realizar o tratamento de forma correta, com medicamentos e cuidados, onde as mesmas passam por atendimento de um enfermeiro, assistente social e psicólogo, além de ter um farmacêutico disponível para os medicamentos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eliana Lins de; ARAUJO, Gilmara Barboza da Silva; SANTOS, Verbena Araújo; BUSTORFF, Leila Alcina Correia Vaz; PEREIRA, Alexandra Valéria de Lima; DIAS, Maria Djair. **Adesão dos portadores do HIV/AIDS ao tratamento: fatores intervenientes.** Publicado em março de 2011. Disponível em: <http://reme.org.br/artigo/detalhes/27>. Acesso em 22 de abril de 2016.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Secretaria de Vigilância em saúde.** Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico – AIDS e DST.** Brasília, 2012.

BRITO, Daniele Mary Silva de; GALVÃO, Marli Teresinha Gimenez. Marcadores de vulnerabilidade ao câncer de colo do útero em mulheres infectadas pelo HIV. *Rev. Latino-Am. Enfermagem.* Maio-jun, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n3/pt_08. Acesso em 03 de maio de 2016.

CARVALHO, Fernanda Torres de. Intervenção psicoeducativa para gestantes vivendo com HIV/AIDS: uma revisão da literatura. **Psicol. teor. prat.** vol.11 no.3 São Paulo, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo_arttext. Acesso em 28 de setembro de 2015.

DIRETORIA DE VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA – DVE. **Boletim Epidemiológico AIDS e DST– 2011.** Disponível em: <http://www.aids.gov.br/publicacao/2011/boletim-epidemiologico-aids-e-dst-2011>. Acesso em 28 de abril de 2016.

FARHI, Lidia; LIMA, Dirce Bonfim de; CUNHA, Cynthia B.. Dislipidemia em pacientes HIV/AIDS em uso de antirretrovirais num hospital universitário. Rio de Janeiro, Brasil. **J. Bras. Patol. Med. Lab.,** Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, Jun, 2008.

FREITAS, Nadja Miranda de; NERY, Inez Sampaio. **Mulheres com HIV e Direitos reprodutivos.** Artigo publicado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - Recife – PE, 2014. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/>. Acesso em 26 de setembro de 2015.

FINKLER, Lirene. **HIV/AIDS e relacionamentos conjugais.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. Disponível em: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/16AIDS_relacionamentos_conjugais.pdf. Acesso em 25 de novembro de 2015.

KRAMER, A. S., LAZZAROTTO, A. R., SPRINZ, E., MANFROI, W. C.. Alterações Metabólicas, Terapia Antirretroviral e Doença Cardiovascular em Idosos Portadores de HIV. **Arq Bras Cardiol,** 2009.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim Epidemiológico HIV – AIDS.** Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/sites/>. Acesso em 05 de maio de 2016.

SOUZA, Sheslaine. Os discursos de adesão ao tratamento de AIDS: uma reflexão ética. **Revista - Centro Universitário São Camilo –** 2011; 5(1): 98-10. Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/82/Art12.pdf>. Acesso em 29 de setembro de 2015.

ZUBEN, Juliana Vieira Von; RISSI, Maria Rosa Rodrigues; LORENZI, Carla Guanaes. A rede social significativa de uma mulher após o diagnóstico de HIV/AIDS. **Psicologia em Estudo,** vol. 18, núm. 2, abril-junho, 2013, pp. 211-221.